



H0894

HOMO SUM HUMANI NIL ME ALIENUM PUTO: PAREMIA OU ENGENHOSA ESCUSA NO HEAUTONTIMORUMENOS TERCENCIANO?

Gabriel Rossi (Bolsista PIBIC/CNPq) e Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso (Orientadora), Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, UNICAMP

À primeira vista, uma sentença pode parecer edificante e aforística, sumarizar uma verdade universal. Não obstante, quando descontextualizado, demonstre sabedoria, na trama de uma comédia, sobretudo no *Heautontimorumenos* de Terêncio, um aforismo é amiúde mais uma frase de efeito, retórica e persuasiva: é antes falacioso e não construtivo para os demais personagens. Cremes, um velho (*senex*) da peça em apreço, assume uma postura de conselheiro-guia se valendo de uma elocução cujo efeito é fazer com que ele pareça sábio, experiente e douto. Menedemo, um vizinho e também velho, reconhece ter tratado de maneira inadequada seu filho, resultando no afastamento deste, lamenta o erro e delibera: sua conclusão é de que ele seria indigno de usufruir de confortos enquanto seu filho estivesse ausente e, na hipótese de estar sofrendo, decide, então, levar uma vida frugal, labutando no campo qual um escravo, de modo a ser justo, i. e., partilhar com o filho um sofrimento advindo de uma injustiça cometida pelo velho. Comparando falas e ações de ambos os *senes* descobrimos que a sabedoria exibida é apenas externa (um adorno), ao passo que, a partir da vivência e da experiência é possível extrair o conhecimento de como agir com prudência e equanimidade.

Terêncio - Sentenças gnômicas - Prudência e pretensa sapiência